

Ensinar Literatura, Promover Valores – uma proposta de leitura de *A Maior Flor do Mundo*, de José Saramago

Isabel Lopes Delgado

Colégio de S. Teotónio, Coimbra

Assistimos assim a uma espécie de curto-circuito, em que valores ainda balbuciantes da modernidade (como o gosto da leitura ou a paixão pela música clássica) são por vezes atropelados pela ânsia de não perdermos a última inovação da história. E sucede portanto que a cavalgada de modernização económica e tecnológica não implica automaticamente o progresso da cultura ou da ética, mas pode fomentar formas assustadoras da barbárie contemporânea. Eduardo Prado Coelho, *Situações de Infinito*, Campo das Letras, 2004.

Antes de entrar n' *A Maior Flor do Mundo*: as raízes.

A discussão em torno da presença da Literatura na escola tem-se vindo a fazer de uma forma mais acesa no domínio público desde que em dois mil e um foram publicados novos programas de Português para o Ensino Secundário. Quase podemos dizer que a questão entrou no domínio público com o milénio. Não é nosso intuito entrar nessa discussão, esgrimindo argumentos a favor da nossa dama, a literatura, pois parece-nos que ela está bem, parece-nos ainda que ela se recomenda mais do que nunca à escola e na escola e que os sinais apontam obviamente para a solidez da sua presença já que esta é também construída pelas nossas práticas, as de todos aqueles que diariamente estamos nas escolas.

A conexão da literatura com o ensino da língua é para nós inquestionável. Indispensável para uma formação completa do indivíduo, a literatura é um lugar de memória e formação para valores, permite crescer no conhecimento da língua na sua vertente estética, permite a inscrição em práticas de cidadania. Reduto do bom uso da língua, a literatura, neste contexto, transforma-se em lugar propício à aprendizagem dessa herança comum a todos os falantes.

Achamos, pois, que o contacto com a literatura se deverá fazer desde cedo e que o grau de dificuldade dos textos a abordar deverá acompanhar o desenvolvimento cognitivo da criança e do jovem. Fazer do contacto com a literatura um acto natural, levá-la a um lugar de privilégio numa escola de massas, fazer ver que a literatura interessa a todos, porque nos fala do Homem, são alguns dos objectivos que movem as nossas práticas pedagógicas.

A literatura tem como suporte a língua e para que cumpra a sua eficácia comunicativa é indispensável que aconteça essa decifração que é a leitura. Entendida como um processo, um encontro faseado entre texto e leitor, uma progressão na construção de sentidos, a leitura literária terá de contar em sede escolar com a presença propiciadora do professor. Na sala de aula o professor será um guia. A ele competirá reavivar os saberes já adquiridos pelo aluno e reactivá-los na construção dos sentidos do texto. Neste processo de vai e vem, de confirmação ou de reformulação de hipóteses de leitura, de inferência de sentidos, é indispensável a interactividade que o professor proporciona trazendo para o cenário de leitura a contribuição do maior número possível de alunos, na sua multiplicidade de saberes.

A leitura literária em sala de aula, qualquer que seja o nível de ensino, será uma orquestração polifónica em que vozes várias produzirão sentidos num ambiente de respeito mútuo pelo saber do outro, num processo complexo de re - conhecimento.

A leitura constrói-se e está ligada a acções mentais que se fundamentam no texto mas que se relacionam com saberes prévios, para além do texto, por isso fazer coisas com o texto é fundamental, é ele que possui a sua própria chave. A nós compete descobri-la, através de inferências, jogando com a nossa enciclopédia pessoal e aceitando a contribuição da enciclopédia dos outros. Centrar a atenção do aluno no texto é fundamental, levando-o a preencher os seus lugares obscuros e tornando-o matéria iluminada, conduzindo-o ao texto como manancial de argumentos/fundamentações para a construção de sentidos/ perspectivas de leitura. Levar o aluno a entender que é capaz de fazer essa construção se souber como se faz, mostrar como se faz, deverá também ser um objectivo do professor, bem como educar para a autoconfiança e desenvolver a auto-estima.

Consideramos a leitura que nos propomos construir aplicável a alunos de 2º e 3º ciclo, cabendo ao professor fazer a modulação dos discursos instrucionais e informativos, no espaço da sala de aula, de acordo com as características de cada turma.

A escolha de um conto justifica-se por razões que se prendem com a pertinência pedagógica da leitura de um texto narrativo como estrutura autónoma e nisso o conto é experiência única, proporcionando a percepção de um todo e sendo trampolim para leituras mais extensas e complexas. Pelas suas características reconhecidas, o território do conto será o privilegiado para a educação para valores ganhar todo o sentido. Não nos situamos num terreno moralista, o que nos move é a intenção de conduzir o aluno à reflexão sobre o que o cerca, à problematização das experiências ou não experiências do quotidiano, do bom e do mau, induzindo-o à experiência do juízo crítico e do raciocínio complexo, pela transposição sucessiva de etapas e o alargamento de horizontes.

A Maior Flor do Mundo parece-nos constituir um lugar à parte para a sensibili-

zação face ao texto literário: escrito pelo nosso prémio Nobel, a narrativa tem uma edição acompanhada por ilustração que representa uma mais-valia na construção de sentidos do texto, não só pelo seu inegável valor estético, o que pode proporcionar um diálogo profícuo entre a palavra e a imagem, como pela relação que a própria imagem mantém com o texto, uma relação dinâmica que conduz o leitor nessa viagem que é a leitura.

Explorar as ideias do conto, instituí-lo como espaço de intervenção e interacção, reflectir criticamente sobre a sua mensagem, abordar questões que conduzam ao conhecimento do autor e à sua relação com a escrita, à sua intenção e ao modo como utiliza o discurso para o conseguir, eis alguns dos nossos objectivos que acompanham uma dinâmica de integração de todos os domínios a desenvolver de acordo com o programa de Língua Portuguesa dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico: Ouvir/ Falar; Ler/ Escrever; Reflectir sobre o Funcionamento da Língua, que se concretizarão em actividades diversificadas, como poderão ver pelo nosso roteiro.

Acrescentamos outros objectivos que nos parecem pertinentes, no mundo fluído em que nos situamos: educar para valores como o respeito pela natureza; o sentido de entre ajuda, a descoberta do gosto pelo silêncio; o reconhecimento da experiência do belo que as diferentes linguagens nos proporcionam, em particular a linguagem literária; o reconhecimento da voz do outro; o texto literário como espaço de memória e transmissão de uma tradição. Resta-nos agora iniciar o caminho.

Iniciando o caminho: aparece o caule.

Entremos n' A Maior Flor do Mundo. O texto de Saramago publicado pela Caminho em 2001 não é um texto novo. De facto, se nos passearmos pela Bagagem do Viajante, recolha de textos publicados no Jornal do Fundão ao longo da década de sessenta, aí encontramos uma crónica cujo desenvolvimento corresponde quase integralmente à narrativa que agora se nos apresenta em formato álbum, artisticamente ilustrada por João Caetano. Nessa pré-história, A Maior Flor do Mundo, não era ainda uma flor e chamava-se História para Crianças.

Olhemos bem para o livro como o fariamos se estivéssemos na sala de aula com uma turma. Começemos por observar a capa. O que vemos? Título, nome do autor, nome do ilustrador. Podemos propor pesquisa de informação relativa aos autores do texto e da ilustração: uma viagem à internet será o mais aliciante, mas nunca desprimos os meios de pesquisa mais tradicionais. É absolutamente necessário que os alunos saibam desde cedo procurar informação, dizer de onde provém, não se limitar a transcrever o que encontram seja em rede seja em suporte bibliográfico tradicional. Que o professor explique como se faz, é pois, indispensável.

Regressemos à capa do livro. Imagem: um rapaz de boné ao contrário e olhar curioso, o caule de uma planta, duas folhas, uma alusão gráfica a uma paisagem onde poderá correr um rio azul, um círculo luminoso: uma lua ou um sol? As interrogações

ficarão suspensas... a leitura é um território de suspensões e de suspeições.

Viremos o livro e vejamos agora a contra capa. A imagem do que pensámos ser um rio confirma-se, umas casas que correspondem a habitações num espaço rural remetem-nos para um lugar bem diferente do espaço citadino em que diariamente vivemos em corrupção. Onde se passará a história? Um pequeno texto desperta a curiosidade do nosso olhar: E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar? Ficamos a pensar se o texto terá como leitores virtuais os jovens e adolescentes a quem nos dirigimos na sala de aula... Não poderá o seu alcance ser muito mais lato?

A Maior Flor do Mundo começa a seduzir-nos pelas imagens e pelo mistério que o título encerra, pelas cores quentes e pela poesia de um espaço que não é a fotografia da nossa realidade. Continuemos a viagem: o olhar aberto e vivo do rapaz desperta a nossa própria curiosidade. Quem será? Onde viverá? Terá nome? Como imaginamos a sua pessoa? Há agora que abrir o livro e procurar lá dentro esse rapaz.

Uma primeira Folha

Abrimos o livro. O texto aparece-nos na página da esquerda e a acompanhá-lo, na página da direita, uma sucessão de três imagens em crescendo. Nas páginas beijas de sugestão rugosa, encontramos um velho em cenário escrita – escritório prateleiras, uma luz que ilumina um rosto que num grande plano se nos afigura familiar. Tem óculos, é careca, tem umas grossas sobranceiras grisalhas e o ar com que suporta a cabeça com a mão faz-nos lembrar que pode estar a pensar. Na mão direita segura uma caneta e escreve. Observamos melhor. Será que o conhecemos? Onde é que já vimos esta figura? Não será o autor, José Saramago.

Propomos agora a leitura do texto verbal. Imediatamente nos surge a voz de um eu que se assume desassombadamente no discurso como se fosse uma presença no espaço da sala onde nos encontramos e aquela pessoa que observámos nas ilustrações ganha vida e fala-nos directamente como um antigo contador de histórias. O autor inscreve-se do espaço da ficção, do imaginário que é o da narração. Esta voz assume a sua pena por não saber escrever histórias para crianças porque esses contos devem “ter palavras simples e exigem muita paciência”. Então e o menino? Onde estará? Quem será?

Viramos de novo a página: o cenário é o mesmo, mas de facto, foi o dinamismo da ilustração que nos forçou a avançar. Temos agora um plano mais detalhado desse lugar de reflexão e escrita que é o escritório de Saramago, o autor, contador de histórias, escrevente, escritor. O processo de escrita surge ligado a que momento do dia? Conduzindo os alunos a uma observação atenta da ilustração surgirão certamente pormenores interessantes: a estante, onde sobressaem títulos de livros que fazem parte dos clássicos da literatura infanto-juvenil; os objectos, o mundo da infância que sai

de dentro dos livros e acompanha o escritor no seu ofício; uma fada que faz o pino na persiana.

Pressentimos que é o universo da sua própria infância que Saramago pretende assumir nesta Maior Flor do Mundo. Uma infância que o autor, contador de histórias, sente dever preservar como a memória que só a palavra pode criar. Não nos parece estranho. De facto este gosto pela memória, esta consciência de que a escrita e o que ela guarda pode ser um legado, um acto de conservação de um passado individual ou colectivo tornou-se nos últimos tempos uma quase necessidade por parte do exilado português mais conhecido do mundo, que em Outubro de 2006 publicou As Pequenas Memórias, registos autobiográficos da sua infância e início de adolescência.

A ilustração continua a movimentar-se e a focalizar a voz do contador de histórias, escritor que se duvida, que nos anuncia “uma linda história que um dia inventou mas que assim como a vão ler, é apenas o resumo de uma história que em duas palavras se diz”. A referência aos contos de fadas e princesas encantadas mantém-nos presos ao texto e à imagem: quem é que não tem contos de fadas nas suas memórias de infância? O diálogo que o contador tenta manter com o leitor/ouvinte é evidente e com facilidade o aluno reconhecerá no discurso essas marcas da voz em presença. Que histórias de fadas serão estas? E as dos alunos...quais serão? A voz do texto poderá libertar outras vozes e proporcionar o espaço comunitário de diálogo e fascínio que é indissociável do acto de contar, de ler. A proporcionar esta interacção estará sempre o texto, matéria que se move perante o olhar atento dos alunos, fundamento da construção da leitura.

No virar da página a ilustração prossegue o seu movimento e conduz-nos do cenário da escrita, da narração, do contar, para um outro universo: só agora reencontramos o menino da capa, a história começa a aparecer. O menino, o herói menino de Saramago, está à janela, uma janela de uma casa que não é uma casa da cidade. Da janela o menino vê o campo, da janela o menino tem o apelo do mundo. Entretanto, o narrador/ autor já chamou a atenção para a consulta do dicionário, quando aparecerem palavras difíceis. E o professor na sala de aula só terá de aceitar a sugestão. Será talvez a altura de procurar o sentido de “concebem”, “aprazadas”, “parentela” e de definir que a consulta do dicionário deverá acontecer sempre que uma palavra nos mover à decifração de um mistério. Daqui para a frente há que fazer circular o dicionário, mexer nas suas inúmeras páginas, procurar os sentidos das palavras desconhecidas e passar os olhos por outras aí guardadas à espera de serem descobertas.

A voz do contador de histórias continua a promover a interactividade e os alunos na sala de aula continuam a fazer coisas: respondem às perguntas do professor; observam a ilustração; compartilham outros saberes alheios ao texto mas que preenchem as suas zonas obscuras.

Nova folha aparece

Retomemos o livro, continuemos viagem pelo caule. As aventuras já foram anunciadas. Que nos diz o contador sobre o espaço onde elas vão acontecer? Então o que irá acontecer? O menino vai fazer uma viagem... o menino vai brincar com os amigos para o rio... o menino vai à procura de alguma coisa que nem ele sabe o que é... o menino vai conhecer o que não conhece... O menino vai saltar os limites das sua aldeia... o menino vai iniciar um percurso...

Tanto de Saramago nesta história feita de tantas pequenas memórias:

“Então digo à minha avó: “Avó, vou por aí dar uma volta.” Ela diz “Vai, vai”, mas não me recomenda que tenha cuidado, nesse tempo os adultos tinham mais confiança nos pequenos a quem educavam. [...] Não tenho muito por onde escolher: ou o rio, e a quase inextricável vegetação que lhe cobre e protege as margens, ou os olivais e os duros restolhos do trigo já ceifado, ou a densa mata de tramagueiras, faias, freixos e choupos que ladeia o Tejo para jusante, depois do ponto de confluência com o Almonda, ou, enfim, na direcção do norte, a uns cinco ou seis quilómetros da aldeia, o Paul do Boquilobo, um lago, um pântano, uma alverca que o criador de paisagens se tinha esquecido de levar para o paraíso. Não havia muito por onde escolher, é certo mas, para a criança melancólica, para o adolescente contemplativo e não raro triste, estas eram as quatro partes em que o universo se dividia, se não foi cada uma delas o universo inteiro. Podia a aventura demorar horas, mas nunca acabaria antes que o seu propósito tivesse sido alcançado. Atravessar sozinho as ardentes extensões dos olivais, abrir um árduo caminho por entre os arbustos, os troncos, as silvas, as plantas trepadeiras que erguiam muralhas quase compactas nas margens dos dois rios, escutar sentado numa clareira sombria o silêncio da mata somente quebrado pelo pipilar dos pássaros e pelo ranger das ramagens sob o impulso do vento, deslocar-se por cima do paul, passando de ramo em ramo na extensão povoada pelos salgueiros chorões que cresciam dentro de água, não são, dir-se-á, proezas que justifiquem referência especial numa época como esta nossa, em que, aos cinco ou seis anos, qualquer criança do mundo civilizado, mesmo sedentária e indolente, já viajou a Marte para pulverizar quantos homenzinhos verdes lhe saíram ao caminho (...)”¹

A descrição do espaço e da personagem na autobiografia que constitui o discurso de Pequenas Memórias não é muito diferente da realidade evocada em A Maior Flor do Mundo, o que nos leva a concluir que numa e noutra narrativa o autor conta-se e institui-se no universo narrativo. Viramos a página: a caneta do escrevente anuncia a primeira página da verdadeira história, a história do menino herói, não a história do escrevente torturado com os limites da sua capacidade para escrever para crianças. Será? Como justificar a coexistência da imagem da mão da escrita e da criança que pula e corre? Que pensarão os alunos?

Olhamos a ilustração: o menino já deixou a janela e espria-se, saindo dos seus limites, acompanhando um curso de água que corre numa imensa planície. Fazem-lhe companhia as aves e as árvores que ligam a terra ao céu, nessa busca incessante

1 SARAMAGO, José, *As Pequenas Memórias*, Lisboa, Caminho, 2006, pág.20.

do universo inteiro. Que planície será aquela? Conhecem locais com uma paisagem parecida à das imagens do livro?

No caule aparece uma outra folha

Continuemos a subir o caule rodopiando no movimento da ilustração que agora lança o menino num escorrega cósmico que o transporta ao planeta Marte da aventura, igual ontem e hoje. Este é o momento exacto em que a metáfora gráfica do escorrega transporta o nosso herói de um espacinho geograficamente assinalado como o do distrito de Santarém, para uma circularidade outra que o desalinho das letras nos leva a identificar como Marte. O que é Marte? E aqui no texto, o que representará? É também altura de perguntar o que pode significar aquele escorrega? E ouvir o que os alunos têm para nos dizer, as referências aos momentos lúdicos da infância em que o escorrega é uma ousadia e exige coragem, faz o reforço da auto-estima, e oferece a alegria de gargalhadas de satisfação. E aquele momento em que as escadas do escorrega nos pareciam demasiado altas e enfrentávamos a dúvida de as subirmos? E a satisfação que era quando decidíamos: vou subir! Assim fez o menino herói: afastou-se do que já conhecia e enfrentou uma natureza nova que se lhe ofereceu sensorialmente.

Ainda outra folha

É altura de conquistar uma nova página, um momento em que voltamos a reencontrar o universo da natureza plena que já antes lêramos no excerto de *Pequenas Memórias*. É altura de pedirmos aos alunos para, depois de lerem silenciosamente o texto da página da esquerda, estabelecerem relação com o que observam na ilustração; seleccionarem nomes e adjectivos; destacarem tudo o que lhes parece diferente na utilização da língua portuguesa. Sobressairão “as clareiras macias”, “o silêncio que zumbia”, “o calor vegetal”, “o cheiro de caule sangrando de fresco como uma veia branca e verde”.

Explorar os sentidos destas expressões com a contribuição de cada um e com a ajuda do professor, possibilitará certamente a descoberta conjunta do valor da natureza, da beleza que ela nos oferece e para o valor estético que a língua assume em sede literária. A recuperação das memórias dos alunos, a constatação da ausência de experiências que pode ser colmatada com uma ida ao campo, a descoberta das margens de um rio, a observação de uma paisagem ribeirinha... Onde é que já experimentaram silêncio a zumbir, clareiras macias, calores vegetais e caules sangrando de fresco? Esta partilha de universos de leitura, estes passeias inferenciais comunitários, contribui também para o conhecimento do grupo e a auto descoberta da turma enquanto organismo autónomo já que, da junção das experiências de cada um, nasce a experiência da identidade do grupo.

Viramos mais uma folha e avançamos no território livro, conquistando-o, aos poucos e poucos. Agora é a página da esquerda que surge totalmente ocupada por uma

representação do menino herói, de olhar espantado e triste perante uma flor, murcha, caída, moribunda. O modo como a ilustração nos mostra o dedo do menino a tocar a flor transmite-nos a sua grandeza de alma, o seu carinho e cuidado e deixa adivinhar o que o texto anuncia: o menino não olhará a meios para atingir o seu objectivo: salvar aquela flor única, murcha num ermo onde não há água. Pausa...reflexão... Quem é que já teve necessidade absoluta de salvar algo de que gosta muito? Porque é que o menino se terá interessado por aquela flor? Que monte ermo poderá ser aquele em que se encontra a flor? Onde é que se sente a falta da água? Não será este um problema mundial? Como é que utilizamos a água no nosso quotidiano? Haverá sítios no planeta Terra em que a água que desperdiçamos é uma relíquia? O que sabem os alunos a este respeito? Este intercâmbio possibilitará educar para uma consciência ecológica e para uma cidadania mundial consciente. O que fazemos para poupar esse bem precioso? O que poderemos fazer? Que compromissos podemos assumir individualmente e em grupo? A interacção terá sempre de obedecer a regras e cada um deve sempre respeitar o uso da palavra pelo outro.

O pé do menino, no final da página seguinte, continua a tendência do movimento de toda a ilustração que se faz sentir desde as primeiras páginas. De facto, é como se a ilustração conduzisse a leitura do texto: o pé do menino, a flexão da sua perna anuncia a sua corrida, a premência da sua acção e o modo como não se limita a uma constatação, a capacidade que tem em se dedicar aos outros, neste caso, uma simples flor! E nós, no nosso quotidiano, como nos dedicamos aos outros, como é que os tentamos salvar... o que será isso de salvar uma flor? Como podemos salvar as nossas flores? A possível corrida do menino contida na sugestão da imagem, faz-nos virar a página.

O pé do menino correu mundo, isso nos dizem as imagens em que uma sucessão de mãos implorando água, sobrepondo-se a um planisfério, nos sugerem a busca do menino herói. A figuração do planeta anuncia-nos que a busca foi imensa e intensa e a flor que, algures no planeta aparece enorme e aberta, diz-nos também que foi consequente e que o menino conseguiu o que procurava: a água para alimentar a sua flor! Para o afirmar nada melhor que o poema que preenche a página seguinte. Será o momento de reconhecer o esforço do menino, solicitando o levantamento dos versos que denunciam o carácter heróico das suas acções: “Chega ao grande rio Nilo”; “Volta o mundo a atravessar”; “Pela vertente se arrasta”; “Vinte vezes cá e lá”; “Cem mil viagens à Lua”; “O sangue nos pés descalços”; o efeito da sua dedicação: “Mas a flor aprumada/ Já dava cheiro no ar, / E como se fosse um carvalho/ Deitava sombra no chão.”

Última paragem: a corola da flor, a perfeição

Virar a página, de novo. “O menino adormeceu debaixo da flor” É altura de voltar à aldeia que o menino abandonara na sua viagem para além dos limites. As imagens dizem tudo: pai e mãe a sofrer a dor da ausência, preocupação generalizada;

pela janela da casa humilde observamos o esforço que a comunidade faz procurando aquele menino herói.

É tempo de explorar essa imagem da janela...uma janela que já encontráramos antes. Será que se lembram os alunos de quando apareceu a janela? O que pode significar a janela? Porque é que no topo da janela aparece o início do caule da flor? O que fazem aquelas pessoas? Haverá alguma coisa de comum com a acção do menino?

Virar mais uma vez a página. A passagem do tempo denuncia o esforço e a preocupação daquela comunidade que de repente ergue os olhos e observa algo nunca visto: “Viram ao longe uma flor enorme que ninguém se lembrava que estivesse ali.” Como é que a imagem nos transmite a noção da passagem do tempo? E a flor, como está agora? A flor transforma-se num sinal, uma estrela que anuncia o menino adormecido, protegido por “uma enorme pétala perfumada com todas as cores do arco-íris”. O regresso é visto como um milagre: algo de extraordinário, de incomum que se impõe na rotina dos dias, algo que permitiu a descoberta de *A Maior Flor do Mundo*, uma flor que pode ser o limite do universo que de um momento para o outro se descobre porque um menino correu mundo à procura de água para salvar uma flor murcha, porque uma comunidade se uniu para encontrar um menino que partira à procura de si mesmo, “para ir fazer uma coisa que era muito maior do que o seu tamanho e do que todos os tamanhos”.

A alegria do reencontro e o milagre do que se consegue com o esforço humano está bem patente na ilustração deste final de história em que, como é hábito em qualquer conto, surge uma moral: a alegria de que vale a pena sair e dar-se aos outros, nem que seja a uma simples flor, porque o que se dá será recebido, o entusiasmo e a coragem de correr mundo, o sacrifício de sangrar dos pés quando se acredita no que se procura, a certeza que a vida é alegria, mas também pode ser preocupação e tristeza e que a momentos piores outros melhores sobrevivem.

A história do menino herói de Saramago já terminou...Terá terminado? A imagem do autor no seu cenário de escrita retoma as páginas sob o olhar do leitor: o ar é bem mais sereno, o autor relê-se, revê-se nas páginas que escreveu. Sabe porque o escreveu: a vida impôs-lhe o dever de memória. Fadas e duendes escondem-se nas persianas, aos livros de infância regressam personagens que se anicham em páginas entreabertas, o braço do menino herói acenando com o seu boné a alegria do seu conhecimento despede-se da página e do seu autor, ou é o autor que se despede de si próprio outrora, agora?

Viramos para a última página. O contador de histórias volta a lamentar a sua falta de jeito para escrever histórias. Dirige-se abertamente aos seus leitores a quem passa o testemunho “ficaram sabendo como a história seria, e poderão contá-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para crianças...” A voz do contador de histórias explora sabiamente o espaço de intimidade que a narração lhe permite junto do seu leitor/ ouvinte. Por

que não aceitar o desafio de Saramago, por que não contar de novo, com palavras mais simples, a história daquele menino? Eis o desafio final para os alunos.

Fecha-se o círculo, chegamos à corola da maior flor do mundo: contar uma história é fazê-la entrar no universo, é passar o testemunho a novas gerações, é deixar uma memória e uma lição, é sair da escuridão e recriar o dia. E a aventura daquele menino Saramago, não terá sido a descoberta dessa enorme flor que é a escrita do mundo? Por isso, o dia entra no cenário da escrita, o contador/escrevente deixou de estar iluminado por uma luz artificial que testemunhou a escrita e abandona o livro e as ilustrações em pleno dia, iluminado pela flor que em criança descobriu deixando-a escrita em memória, a um mundo que deve descobrir a forma circular da corola a que a palavra literária pode dar acesso. E a nós, professores de literatura não nos competirá também educar para a esperança e para a alegria que é a descoberta da maior flor do mundo: um tesouro guardado nas pétalas de todas as literaturas do mundo!

Bibliografia

- Arnaut, A. P. (2002). *Post-modernismo no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne- máscaras de Proteu*. Coimbra: Almedina.
- Arnaut, A. P. (2007). *José Saramago*. Lisboa: Edições 70.
- Bernardes, J. A. C. (2005). A literatura no ensino secundário: excessos, expiações e caminhos novos. In M. L. Dionísio & R. V. Castro, *O português nas escolas. Ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário*. Coimbra: Almedina.
- Calvino, I. (2006). *Seis propostas para o próximo milénio*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Castro, R. V. (2005). O português no ensino secundário, processos contemporâneos de (re)configuração. In M. L. Dionísio & R. V. Castro, *O português nas escolas. Ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário*. Coimbra: Almedina.
- Coelho, E. P. (2004). *Situações de infinito*. Porto: Campo das Letras.
- Eco, U. (1992). *Os limites da interpretação*. Lisboa: Difel.
- Genette, G. (1979). *Discurso da narrativa, ensaio de método*. Lisboa: Arcádia.
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Asa.
- Melo, C. (1998). *O ensino da literatura e a problemática dos géneros literários*. Coimbra: Almedina.
- (1999). Leitura e memória literária. In *Actas das I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*. Coimbra: Almedina.
- (2002). Saberes, competências e valores: subsídios para a didáctica da leitura do texto literário. In *Actas do VII Congresso Internacional da Sociedade Espanhola de Didáctica da Língua e a Literatura*. Santiago de Compostela.
- (2004). Paradigmas literários e ensino da literatura, hoje. In *Vértice*,

revista bimestral, Novembro-Dezembro, II Série.

- Goulart, R. M. (2003). O conto: da literatura à teoria literária. *Forma Breve*, 1.
- Morin, Edgar (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Porto: Instituto Piaget.
- Otten, M. (1990). *Sémiologie de la lecture*. Paris : Duculot.
- Savater, F.(2000). *Ética para um jovem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Saramago, J. (1973). *A bagagem do viajante*. Lisboa: Caminho.
- (2001). *A maior flor do mundo*. Lisboa: Caminho.
- (2006). *As pequenas memórias*. Lisboa: Caminho.
- Silva, V. M. A. (1999). Teses sobre o ensino da literatura nas aulas de português. In *Diacrítica* ,13-14.

Outros recursos

DVD – A Maior Flor do Mundo (10^o), realização de Juan Pablo Etcheverry (2007).

